

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

NICOLY OLIVEIRA DE SOUZA

EMPODERAMENTO EM REDE: UMA ANÁLISE DOS BLOGS THINK OLGA E
BLOGUEIRAS NEGRAS À LUZ DA TEORIA POLÍTICA FEMINISTA

Viçosa/MG

2017

NICOLY OLIVEIRA DE SOUZA

EMPODERAMENTO EM REDE: UMA ANÁLISE DOS BLOGS THINK OLGA E
BLOGUEIRAS NEGRAS À LUZ DA TEORIA POLÍTICA FEMINISTA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa/MG, como requisito para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Daniela Leandro
Rezende

Viçosa/MG
2017

AGRADECIMENTOS

Sou grata por todas as pessoas que contribuíram para o meu crescimento pessoal e intelectual durante todo o processo que passei na graduação.

Agradeço, primeiramente, a minha família, que durante esses seis anos foram sinônimo de apoio e força. Por tudo que já fizeram e fazem ainda por mim.

Aos amigos e amigas, de longe e de perto, que sempre estiveram ao meu lado compartilhando medos e sonhos, tornando a caminhada mais leve.

Às meninas da república NósCausamos e CeisNoQuarto, pelos momentos compartilhados.

Aos professores e professoras, que gentilmente compartilharam seus conhecimentos comigo e com toda a turma do curso de Ciências Sociais de 2012.

Agradeço, especialmente, a professora Daniela Rezende, pela orientação e paciência comigo durante o processo de construção deste trabalho.

Meu mais sincero agradecimento a vocês por compartilharem de suas vivências comigo e me ajudarem a construir o que sou hoje. Que possamos ainda compartilhar de muitas outras experiências nessa viagem louca que é a vida.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo tentar compreender como o conceito de empoderamento é mobilizado pelos blogs Think Olga e Blogueiras Negras. A partir das análises, entender como essas abordagens orientam as práticas cotidianas de mulheres. O trabalho foi estruturado em três partes, sendo que, no primeiro capítulo, faço uma contextualização das perspectivas da teoria política feminista sobre os conceitos de empoderamento e autonomia. No segundo abordo as questões referentes a metodologia utilizada no trabalho para construção das análises. E por último, no terceiro capítulo, desenvolvo uma análise crítica sobre as publicações analisadas.

Palavras-chave: Feminismo, internet, empoderamento.

ABSTRACT

The present work aims to try to understand how the concept of feministic political theory empowerment is mobilized by Brazilians blogs Think Olga and Bloguerias Negras. From these analyses, understand how these approaches guide the daily practices of women. The work was structured in three chapters, being that, in the first chapter, do a contextualization of the prospects of feminist political theory on the concepts of empowerment and autonomy. In the second expose the questions concerning methodology used at work for the construction of the analyses. And finally, in the third chapter, develop a critical analysis on the analyzed publications.

Keywords: feminism, internet, empowerment.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. TEORIA POLÍTICA FEMINISTA, EMPODERAMENTO E AUTONOMIA	9
3. TEORIA POLÍTICA FEMINISTA E INTERNET – ASPECTOS METODOLÓGICOS	15
4. EMPODERAMENTO DENTRO DE BLOGS FEMINISTAS	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade em que milhares de informações circulam numa velocidade de segundos todos os dias pela internet. Esse espaço tem se transformado em arena de debate em que se discutem questões política que pautam nossas vidas.

Por um lado isso é positivo, pois a informação consegue chegar a um maior número de pessoas, porém, o perigo está na forma como ela é abordada e transmitida. Muitas vezes o que acontece é uma distorção de informações e de conhecimentos, que acabam levando a más interpretações de assuntos importantes.

Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é entender como pautas políticas são abordadas nesse meio virtual. Mais, especificamente, voltei meu olhar sobre blogs brasileiros que tratam de pautas do movimento feminista, para compreender como o conceito de empoderamento é apropriado por esses blogs e, conseqüentemente, a forma como ele é transmitido para as leitoras, orientando as práticas cotidianas de mulheres.

Para que isso seja possível é preciso refletirmos sobre os conceitos de autonomia e empoderamento sob a luz da teoria política feminista. Pois, é a partir desses dois conceitos que será possível refletirmos sobre questões que envolvem justiça, poder, igualdade e liberdade.

O presente trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo irei tentar realizar uma contextualização do conceito de empoderamento segundo a teoria política feminista. O principal objetivo é realizar situar o conceito dentro do movimento feminista para conseguir assim, construir posteriormente uma análise sobre a forma como o conceito é apreendido pelos blogs.

O terceiro capítulo irá tratar das questões metodológicas, explico e justifico a forma como se deu o processo de escolha dos blogs e das publicações que serão analisadas. Também faço uma breve apresentação dos blogs estudados. Os blogs escolhidos para desenvolvimento da pesquisa foram o Think Olga e o Blogueiras Negras. Quando optei pelos blogs, levei em consideração a frequência com que realizam suas publicações e por serem blogs que dialogam entre si.

No quarto e último capítulo do trabalho, encontra-se as análises dos textos abordados. As análises foram realizadas de acordo com a discussão apresenta no capítulo teórico.

2. TEORIA POLÍTICA FEMINISTA, EMPODERAMENTO E AUTONOMIA

O conceito de empoderamento gera grande discussão, seja entre os movimentos feministas ou nas diversas correntes do feminismo acadêmico. O termo tem sido apropriado de forma recorrente e, muitas vezes, tal apropriação se dá de formas distintas e mesmo contraditórias. Nesse sentido, nesse primeiro capítulo faço uma contextualização desse conceito a partir da teoria política feminista, para entender como essa perspectiva desafia as concepções hegemônicas da teoria política, interrogando os conceitos de indivíduo e liberdade. Além disso, essa discussão contribuirá para a análise que será desenvolvida no capítulo quatro.

Há na teoria política feminista uma crítica ao pensamento liberal por este ignorar as questões relacionadas ao gênero, tratando-as como dimensões que devem ser relegadas à esfera privada. Entretanto, apesar de não ser o único marcador social, este não pode ser ignorado quando pensamos demandas associadas à noção de indivíduo, pois, não há indivíduo neutro quanto ao gênero (PHILLIPS, 2013). Dessa maneira, a mulher enquanto cidadã deve ser tratada de forma que suas singularidades sejam consideradas, o que não necessariamente ocorre na democracia liberal. Segundo Phillips (2013), o feminismo tem tido papel importante na construção de críticas à democracia liberal, por esse se preocupar com o gênero.

O principal ponto criticado pela autora em relação à democracia liberal é por esta enxergar o indivíduo como universal, desconsiderando as diferenças entre homens e mulheres. Quando isso ocorre, ignora-se o fato de que nossa sociedade é comandada por grupos de interesses, assim alguns grupos sociais acabam sendo invisibilizados e não tendo representação na esfera da vida pública. Nesse sentido, Phillips (2013) argumenta que a democracia deve se redefinir a partir das diferenças sexuais, além de tratar indivíduos como membros de grupos e não como indivíduos isolados.

A relação do liberalismo com as esferas pública e privada também é outra forma de realçar as diferenças estruturais que cercam os indivíduos. Ao separar a vida pública da privada o liberalismo se nega a pensar as questões privadas que se tornam presentes no mundo público, como a violência doméstica, e acaba legitimando desigualdades. Em contra partida, segundo a crítica feminista, é importante e necessário que questionemos os limites dessa

separação. É preciso repensar o mundo privado, uma vez que quando o liberalismo reforça o dualismo existente entre o público e privado, ele negligencia os contextos em que os indivíduos estão inseridos. São nesses contextos em que são formadas suas preferências e, portanto, orientam suas escolhas como grupos sociais no espaço público.

Levando em conta os contextos que envolvem as mulheres e que constroem suas escolhas, faz-se necessário pensar na noção de autonomia. Segundo Biroli (2013) o feminismo faz uma crítica importante sobre as “barreiras à autonomia das mulheres, singulares em meio a outros obstáculos à autonomia dos indivíduos nas sociedades liberais capitalistas contemporâneas.” (2013, p.27) Em outras palavras, podemos entender assim, que o pensamento liberal por si só é insuficiente para pensar a autonomia das mulheres, uma vez que, ao universalizar o indivíduo e ao reforçar a separação entre público e privado, desconsidera as barreiras que esse grupo social encontra para exercer sua autonomia.

Mesmo homens e mulheres sendo vistos como iguais pela lei, ainda assim, como destaca Biroli (2013), há persistência de desigualdades:

Mesmo quando o igual respeito à liberdade e à autonomia dos indivíduos é garantido pelas leis, há hierarquias significativas, que organizam a produção social das preferências e as possibilidades de ação, restringindo ou ampliando o horizonte em que se definem. É preciso compreender como e em que medida o sexo dos indivíduos impacta sua posição nessas hierarquias. (BIROLI, 2013, p.27)

Como Biroli (2013), Elias e Machado (2015) também pensam a autonomia a partir do contexto social em que os grupos sociais estão inseridos, o que permite perceber a ligação entre poder de escolha das mulheres e a noção de liberdade. Segundo Elias (2015) e Machado (2015):

[...] quando se fala em “fazer” escolhas, não se trata apenas da escolha em si, mas da própria formação dos desejos, das vontades que direcionam essas escolhas. Dessa forma, as escolhas são feitas em contextos sociais, e estes contextos além de delimitar quais as escolhas disponíveis, também constituem o próprio agente que escolhe, isso é, o contexto é um fator importante na formação das preferências e percepção das opções disponíveis. (ELIAS e MACHADO, 2015, p. 90)

Dessa forma, notamos a relevância de pensarmos a liberdade¹, sem nos esquecermos das condições em que as escolhas e preferências são construídas.

Biroli (2016) enfatiza como as escolhas dos indivíduos não devem servir de base para se pensar a autonomia. Para a autora é mais significativo pensarmos as condições em que essas escolhas são construídas, do que as escolhas por em si:

O problema das escolhas é, nesse sentido, ressignificado. Não são as escolhas dos indivíduos, mas as condições em que elas se dão que ganham centralidade. O problema político pode ser recolocado como o da possibilidade do exercício da autonomia em contextos bastante determinados das relações de poder. Em vez da oposição entre livre-escolha e constrangimentos, a questão é saber quais são os recursos, materiais e simbólicos, disponíveis no processo em que os indivíduos se constituem como sujeitos de suas vidas. (BIROLI, 2016, p.44)

A questão central da autonomia então está relacionada com os recursos, construídos historicamente, que se relacionam a marcadores sociais que interferem e influenciam, positiva ou negativamente, a construção das escolhas feitas pelos indivíduos. Por esses recursos serem particulares de cada grupo social, é possível constatar que nenhum indivíduo é neutro e as preferências são construídas socialmente, como nos lembra Phillips (2013).

Mesmo que sustentássemos a ideia de que homens e mulheres possuem direitos iguais à liberdade e autonomia garantidos por lei, ainda assim, haveria hierarquias na estrutura social que dificultariam ou facilitariam a construção das preferências e escolhas por esses indivíduos, o que acarretaria nas possibilidades (ou não) de fazer escolhas. Por conta disso, quando pensamos nossa sociedade da forma em que ela está estruturada, percebemos que mesmo que houvesse ausência de mecanismos formais de coerção o campo de possibilidades de autodeterminação dos indivíduos seriam distintos.

Com base na ideia de que as preferências são formadas coletivamente, é possível pensarmos como se dá o processo de empoderamento, à luz do feminismo, das mulheres como sujeitos autônomos.

Em vista disso, é essencial ressaltarmos a importância de pensarmos o empoderamento como um meio de romper com “a ordem patriarcal vigente nas

¹ Trato os conceitos de liberdade e autonomia como sinônimos. Já que, foge dos objetivos do trabalho realizar uma distinção dos mesmos.

sociedades contemporâneas, além de assumirmos maior controle sobre “nossos corpos, nossas vidas”.” (SARDENBERG, 2006, p.2).

Como evidencia Sardenberg (2006), o conceito de empoderamento surge na “praxis” e vai a caminho da “teoria”, ou seja, o conceito foi mobilizado primeiramente por ativistas feministas para depois chegar à academia e se tornar objeto de estudo. Como o uso do termo vem sendo muito mobilizado atualmente - até mesmo banalizado – é interessante o pensarmos em conjunto com a noção de autonomia/liberdade, pois, esses conceitos “possuem não só uma capacidade normativa e explicativa, mas carregam consigo um potencial político de análise e intervenção no mundo.” (ELIAS, 2016, p.6).

Um dos objetivos do feminismo é a luta por liberdade das mulheres. Segundo a teoria feminista, o domínio a individualidade está ligado ao pensamento de que consciência e vontade devem ser conduzidas por motivações próprias e isso “não se trata da suspensão do contexto das interações, mas da delimitação de um âmbito que deveria ser preservado para que a liberdade individual seja garantida.” (BIROLI, 2016, p.41).

Quando o conceito de empoderamento é apropriado pela academia, ganha força nas discussões feministas ligadas à questão do poder. Em contrapartida, ganha novos rumos e é utilizado como instrumento para se atingir fins específicos. Isso faz com que surjam mais polêmicas em torno do termo. Segundo Sardenberg (2006):

Por exemplo, existem importantes divergências quanto ao objetivo maior do empoderamento das mulheres. Para muitas dessas agências e órgãos (ou como na fala de Bush), o empoderamento das mulheres é visto como um instrumento para o desenvolvimento, para a democracia, para erradicar a pobreza, etc. Não é um fim em si próprio. (SARDENBERG, 2006, p.2)

Já para as teóricas feministas o empoderamento das mulheres é resultado do processo de conquista da autonomia, ou seja:

(...) empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da auto-determinação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. (SARDENBERG, 2006, p.2)

Quando as mulheres começam a reconhecer que há uma ideologia que legitima a dominação masculina sob elas, inicia-se o processo de empoderamento. Só a partir disso então, é possível a construção de uma ação

mobilizadora, ponto importante quando pensamos na transformação das estruturas sociais. Segundo Sardenberg (2006), os agentes facilitadores do empoderamento podem ser vários e se trata de um processo que não se dá de forma isolada, apenas individual, mas, a partir de ações coletivas.

A partir dessas divergências conseguimos perceber como o empoderamento para a teoria política feminista está ligado a uma concepção de transformação coletiva. Porém é preciso, segundo Sardenberg (2006), tentar conciliar os dois pontos de vista – individual e ação coletiva - já que o empoderamento acontece tanto em transformações individuais, quanto coletivas.

Apesar de haver também algumas discordâncias dentro do próprio movimento feminista sobre esse conceito, um ponto em comum é em relação às questões relacionadas ao poder. Para isso é preciso ter consciência das noções de “poder sobre”, “poder de dentro”, “poder para” e “poder com”. Respectivamente os quatros tipos de poder tem relação com: dominação, auto-estima/ auto confiança, capacidade de fazer algo, solidariedade.

Dentro do feminismo o conceito de poder tem sido substituído por empoderamento por este focar mais “no oprimido”, do que no opressor. E também, tem se preferido o “poder para” ao “poder sobre”, dessa forma, há um reforço da ideia de um poder que liberte, que consiga capacitar o indivíduo em situação de opressão (SARDENBERG, 2006).

Assim como as formas de interseção da opressão estão presentes nas sociedades de forma distintas, cada matriz de dominação pode ser vista como uma organização histórica de poder, na qual os grupos sociais estão emersos. Quando Collins (2000) apresenta as vivências das mulheres negras no centro da análise, ela nos mostra como a interseção dos paradigmas é importante para repensarmos a matriz de dominação que caracteriza a sociedade americana.

Apesar de Collins (2000) tratar da sociedade americana, podemos perceber como é necessário termos em mente que as desigualdades se reproduzem de forma interseccional também no Brasil. Por conta disso, Collins (2000) nos relembra o perigo de considerar apenas o gênero como demarcador social das mulheres: raça e classe também são importantes nessa análise.

A luta das mulheres negras é marcada pelo desejo de uma transformação institucional e de sobrevivência enquanto grupo e vem-nos mostrar como as estruturas das nossas políticas ainda são falhas e devem ser repensadas. Por essa razão, o movimento feminista negro é tão importante, afinal, é através dele que muitas mulheres terão representatividade² e, por consequência, se dará início o processo de empoderamento.

O ponto central do empoderamento que devemos ter em mente são as transformações causadas com base nessa ideia: não há poder transformador se tem seu fim na mulher e não modifica também as estruturas sociais. Se prezamos por uma verdadeira transformação da sociedade, precisamos estar atentas à forma como se dá esse caminho entre o individual e o coletivo, e assim, para o institucional, pois, só assim é possível combater de forma adequada as desigualdades de gênero. Como nos lembram Biroli e Miguel (2014):

A confrontação radical das desigualdades de gênero, de uma forma que considere igualmente as diferentes posições das mulheres, parece implicar a confrontação de outras formas de desigualdade, como as de raça e de classe. Requer, portanto, a reconceitualização da democracia com base nas diferenças de gênero, mas também o compromisso com o enfrentamento das causas estruturais das diversas desigualdades. (BIROLI e MIGUEL, 2014, p.148)

Por fim, segundo Biroli e Miguel (2014), a teoria política feminista faz emergir várias lacunas existentes dentro do nosso sistema político e também nos mostra que afirmar a existência apenas de uma matriz de desigualdade como responsável por todos os tipos de dominação é uma ideia limitada e só faz negligenciar a pluralidade do sujeito mulher.

Tendo em mente as questões abordadas até então, apresento no próximo capítulo os aspectos metodológicos utilizados no presente trabalho. Para isso, mobilizo as principais questões relacionadas ao empoderamento e a partir delas oriento a forma como se dará o desenvolvimento das análises das publicações dos blogs.

² Corresponde a ideia de representação política de grupos sociais específicos.

3. TEORIA POLÍTICA FEMINISTA E INTERNET – ASPECTOS METODOLOGICOS

Como dito na Introdução, o presente trabalho tem como objetivo contextualizar o conceito de empoderamento a partir da teoria política feminista. Esse exercício permitiu, como mostra o capítulo anterior, entender como essa noção desafia as concepções hegemônicas da teoria política, colocando em questão os conceitos de indivíduo e liberdade. Assim neste capítulo, proponho a análise da mobilização do conceito de empoderamento em plataformas online, com o objetivo de compreender como esse é apropriado e propagado, orientando práticas políticas cotidianas.

Tendo em vista que as pautas políticas e questões relacionadas a grupos sociais específicos são mobilizados dentro e fora do espaço virtual de formas distintas, estudos que abordam a relação entre internet e política vêm aumentando e ganhando visibilidade na academia, como aponta Sarmiento (2015), que defende:

(...) o quanto é relevante observar a internet como um espaço de interlocução, um canal para qual emergem demandas, que captam “a dimensão das experiências” e pode “revalorizar habilidades e propriedades de grupos previamente excluídos” (MAIA, 2008b, p. 340 apud SARMENTO, 2015, p.138).

Dessa maneira, fiz uma análise de publicações realizadas por blogs feministas, para assim, entender como o conceito de empoderamento tem sido apropriado nesses espaços. Optei por analisar as publicações de dois blogs brasileiros temas do feminismo, Blogueiras Negras e Think Olga.

O Blogueiras Negras³ surgiu em março de 2012, oriundo de outro projeto, Blogagem Coletiva da Mulher Negra. A partir do sucesso do primeiro projeto, em que eram discutidas questões relacionadas ao 20 de novembro - Dia da Consciência Negra - e o 25 de novembro - Dia Internacional de Combate à Violência Contra as Mulheres - surgiu um grupo bastante ativo de blogueiras negras. Então havia uma necessidade de conseguir um meio em que as vozes dessas mulheres teriam mais força, maior visibilidade. Assim, nasce o Blogueiras Negras.

³ <http://blogueirasnegras.org/>

A imagem a seguir corresponde ao layout da página inicial do blog *Blogueiras Negras*. Há em destaque as últimas publicações realizadas e portais de acesso para maiores informações sobre o blog e postagens antigas.

Figura 1



Fonte: <http://blogueirasnegras.org/>

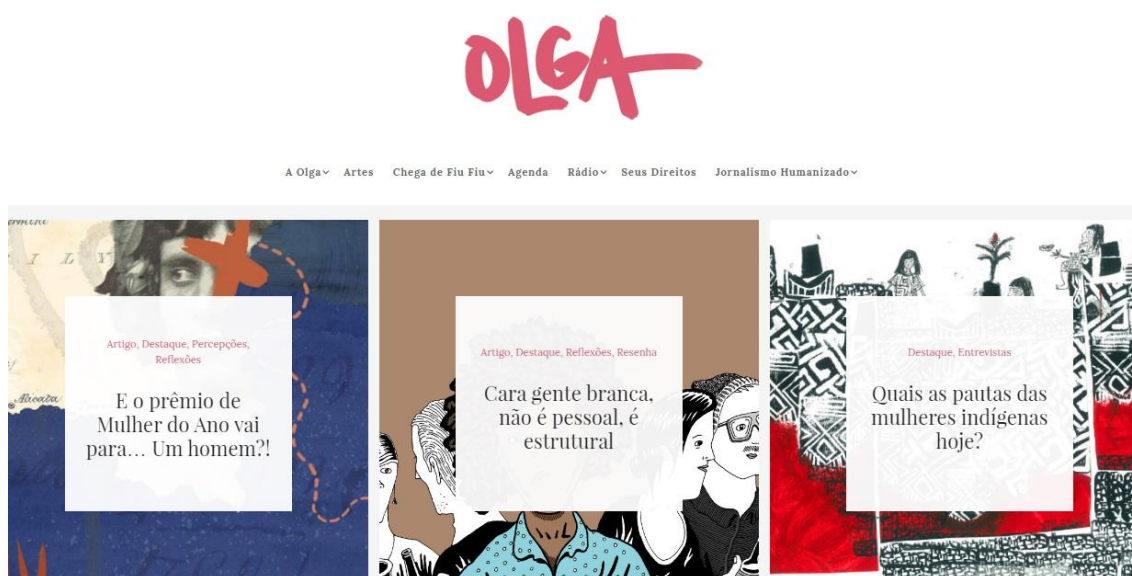
O intuito do blog, segundo as próprias criadoras, sempre foi “ser referência para as Mulheres de ascendência africana e aqueles que se identificam com o feminismo e a luta antirracista das mulheres negras” (Blogueiras Negras, 2012). Dessa maneira, essas blogueiras⁴ se uniram para produzir um material que proporcionasse maior visibilidade para a luta das mulheres negras, através de suas experiências pessoais e de discussões acerca da teoria feminista. O blog foi a ferramenta encontrada por elas para dar voz a esse grupo e, à luz do feminismo, ressignificar o universo feminino. Logo, a consequência dessa caminhada se daria a partir da transformação de suas vidas pessoais e da vida de outras mulheres negras, onde o processo de empoderamento, de transformação dessas mulheres em protagonistas de suas próprias histórias estaria presente.

⁴ <http://blogueirasnegras.org/quem-somos/>

Hoje todo o trabalho produzido pelas blogueiras é divulgado através de várias plataformas midiáticas, como: o próprio blog, vídeos no Youtube⁵, livros, etc, além do ativismo presente em redes sociais como o Twitter⁶ e o Facebook⁷. Todos esses mecanismos são utilizados em prol da divulgação do material produzido por elas e a celebração da cultura afrodescendente. A comunidade online do blog é composta por mais de 1.300 mulheres e os textos são publicados com uma frequência de cinco publicações por semana.

Já o segundo blog escolhido, o Think Olga, é um blog criado a partir da ONG feminista Olga, que surgiu em 2013 por Juliana de Faria. A fundadora do blog tem sua formação em Comunicação Social – Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), com especialização em Fashion Marketing e Fashion Styling pela University of the Arts em Londres.

Figura 2



Fonte: <http://thinkolga.com/>

Nessa segunda imagem temos o layout da página principal, com as publicações de destaque do blog Think Olga. Na imagem há, também, os portais para obter maiores informações sobre o blog – histórico do blog e as campanhas promovidas por ele - e os demais textos publicados.

⁵ <https://www.youtube.com/user/blogueirasnegras>

⁶ <https://twitter.com/blognegras>

⁷ <https://www.facebook.com/blogueirasnegras/>

Nesse projeto há algumas campanhas que ajudam na divulgação do trabalho e no combate à violência contra as mulheres. Essas campanhas são: a #ChegadeFiuFiu⁸, #PrimeiroAssédio⁹, #MandaPrints¹⁰, #100vezesCláudia¹¹, Mulheres de Impacto¹² e Olga Esporte Clube¹³. Além de produzir material online, o Think Olga também desenvolve trabalhos offline ligados a consultorias, campanhas, debates e palestras.

O blog tem como objetivo produzir um conteúdo que reflita sobre as singularidades das mulheres e as dificuldades enfrentadas por elas em suas vivências em sociedade. Com as publicações e com base em relatos e experiências pessoais femininas, pretende alcançar o maior número de mulheres possíveis e ser um facilitador no processo de empoderamento dessas mulheres. O intuito do blog consiste então no “empoderamento¹⁴” de mulheres a partir da informação, através da criação de conteúdo online.

Por se tratar também de uma ONG, o blog conta com a colaboração financeira/divulgação de terceiros. No caso, essas colaborações partem, na maioria das vezes, de leitoras do blog que se identificam com o tema abordado. O meio de contato do blog com os leitores, esclarecendo dúvidas sobre financiamento por exemplos, se dá via e-mail. Há uma frequência de duas publicações (artigos) mensais no blog.

Tendo em conta o perfil dos blogs, acredito ser interessante debruçar o olhar sobre eles por serem ambientes que discutem questões que são caras ao movimento feminista. Percebo, também, em ambos os blogs a presença de um feminismo ativista, de potencial transformador, não havendo apenas reivindicações por igualdade de direitos entre homens e mulheres, mas também uma visão das desigualdades de gênero como um problema social e estrutural, ou seja, buscam também a transformação das estruturas sociais, o que pode indicar uma apropriação do conceito de empoderamento mais

⁸ Disponível em: <http://thinkolga.com/chega-de-fiu-fiu/>

⁹ Disponível em: <http://thinkolga.com/2015/10/26/hashtag-transformacao-82-mil-tweets-sobre-o-primeiroassedio/>

¹⁰ Não há uma página específica para a campanha

¹¹ Disponível em: <http://thinkolga.com/2014/03/19/100-vezes-claudia/>

¹² Disponível em: <http://thinkolga.com/2016/04/05/mulheres-de-impacto-tornam-sonhos-realidade/>

¹³ Disponível em: <http://olgaesporteclube.com/2016/03/31/olga-esporte-clube-buscar-o-prazer-no-esporte-e-resistir-contra-o-machismo/>

¹⁴ <http://thinkolga.com/a-olga/>

próxima daquela apresentada no capítulo anterior, a partir da discussão do conceito na teoria feminista.

A internet vem se mostrando um espaço de luta a favor das mulheres, proporcionando grande visibilidade para o movimento feminista. Isso é notório quando observamos a quantidade de blogs e páginas feministas espalhadas no meio online atualmente, mas não se pode negar que se trata de um espaço opressor e de reprodução de desigualdades, vide os casos de *revenge porn*, por exemplo. Consequência disso, também, é o aumento de estudos preocupados em analisar como expressões pessoais disponíveis na rede fornecem pistas importantes sobre a relação travada entre grupos, entre temas específicos ou sobre a própria cultura política de uma determinada sociedade, como lembra Sarmiento (2015).

Assim, a partir da análise das publicações do Blogueiras Negras e do Think Olga, acredito ser possível compreendermos como a mobilização do conceito de empoderamento é apropriado nas práticas de grupos e movimentos de mulheres.

Para selecionar as postagens a serem analisadas, primeiramente, realizei uma busca de todas as publicações que envolviam os conceitos de empoderamento. Foram encontrados no total 150 textos, sendo 35 do Think Olga e 115 do Blogueiras Negras. A maior parte desses 150 textos abarcavam também questões raciais, autoestima, afetividade em conjunto com a noção de empoderamento. Todos os textos são de autoria de mulheres e foram publicados entre os anos de 2013 até março de 2017.

Ao final, foram selecionadas 10 publicações que serviram de objeto de análise para o desenvolvimento do presente trabalho. Para eleger quais textos seriam estudados levei em consideração as relações que estavam presentes em cada texto além do empoderamento. Para selecionar as publicações levei em consideração textos que se tratavam de artigos ou editoriais, eram de autoria do blog ou de administradoras. A partir disso separei os textos em cinco subcategorias, de acordo com o tema abordado. Sendo elas: a) questão racial b) publicidade/mídia c) beleza d) violência e) coletivo/individual. Reunindo assim, um texto de cada blog de acordo com as subcategorias, para então realizar uma análise comparativa.

Os textos escolhidos do Think Olga foram:

Quadro 1 – Seleção de textos do Think Olga que serviram de objeto de análise.

Título	Data de publicação	Tema	Link
Quando o assédio é somado ao racismo	Abril de 2017	Racismo, preconceito, empoderamento.	http://thinkolga.com/2017/04/04/quando-o-assedio-e-somado-ao-racismo/
O despertar da publicidade para mulheres	Fevereiro de 2015	Mercado de trabalho, Machismo, Publicidade.	http://thinkolga.com/2015/02/10/o-despertar-da-publicidade-para-mulheres/
Os cabelos como fruto do que brota de nossas cabeças	Março de 2015	Beleza, Auto-análise, Apropriação.	http://thinkolga.com/2015/03/27/os-cabelos-como-fruto-do-que-brota-de-nossas-cabecas/
O machismo também mora nos detalhes	Abril de 2015	Comportamento, Feminismo, Gaslighting, Violência, Machismo, Mulheres	http://thinkolga.com/2015/04/09/o-machismo-tambem-mora-nos-detalhes/
O feminismo é questão de tempo	Abril de 2017	Feminismo, Empoderamento coletivo	http://thinkolga.com/2017/04/25/o-feminismo-e-questao-de-tempo/

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 2 – Seleção de textos do Blogueiras Negras que serviram de objeto de análise.

Título	Data de publicação	Tema	Link
---------------	---------------------------	-------------	-------------

Wiki o que???	Outubro de 2015	Não tentem nos embranquecer, Todo poder para as pretas, Basta de regerar a vida das pretas.	http://blogueirasnegras.org/2015/10/02/wiki-o-que-nenhum-passo-atras-nao-vamos-retroceder/
“Racismo em forma de petisco? Não, obrigada!	Maio de 2014	Mídia, Moda, Racismo.	http://blogueirasnegras.org/2014/05/09/racismo-em-forma-de-petiscos-nao-obrigada/
Cabelo pintado é um símbolo de resistência	Setembro de 2015	Cabelo, Moda, Resistência.	http://blogueirasnegras.org/2015/09/18/cabelo-pintado-e-um-simbolo-de-resistencia/
Amor para quem? Violência contra mulheres negras e relações afetivas	Maio de 2015	Empoderamento, Mulher negra, Relações afetivas, Violência.	http://blogueirasnegras.org/2015/05/25/amor-para-quem-violencia-contra-mulheres-negras-e-relacoes-afetivas/

Fonte: Elaborado pelo autora

Dito isso, parto para o próximo capítulo em que desenvolvi as análises dos textos selecionados.

4. EMPODERAMENTO DENTRO NOS BLOGS FEMINISTAS THINK OLGA E BLOGUEIRAS NEGRAS

Com base na discussão da teoria política feminista sobre empoderamento, o objetivo do capítulo é compreender como tem se dado a relação entre o conceito e as práticas políticas cotidianas das mulheres, a partir da análise de artigos e editoriais dos blogs Think Olga e Blogueiras Negras.

Tanto no Blogueiras Negras, como no Think Olga estão presentes questões que abordam as singularidades e desafios da vivência das mulheres em nossa sociedade. Logo, a autonomia e o empoderamento são pautas recorrentes nos textos e em outras mídias existentes dentro dos blogs. Além disso, através da leitura dos textos publicados, nota-se a presença do feminismo como um projeto político, como algo capaz de modificar e romper com as estruturas sociais que sustentam as desigualdades de gênero.

Outro ponto que considero importante é o fato de ambos os blogs, abordarem as mulheres como atores sociais plurais. Dessa forma, conseguem dar voz, e logo mais visibilidade, para as mulheres negras, pobres, lésbicas e trans.

A partir disso, como dito no capítulo anterior, selecionei 10 textos, sendo 5 correspondentes ao blog Think Olga e os outros 5 ao Blogueiras Negras. Na análise a seguir discuto como se dá a presença do empoderamento nos textos com embasamento na discussão sobre os contextos que envolvem as escolhas das mulheres, a noção de empoderamento coletivo e individual e o feminismo interseccional.

Os primeiros textos analisados foram: “Quando o assédio é somado ao racismo”, do Think Olga e “ Wiki o que??? Nenhum passo atrás, não vamos retroceder” do Blogueiras Negras. O texto do Think Olga relata as dificuldades de ser mulher e negra em uma sociedade machista e racista como a nossa. Mostra como o assédio ao corpo da mulher negra é algo naturalizado e legítimo.

É presente no texto não só a violência vinda das ruas, mas também a violência que parte da própria família e amigos. Além da violência física, a violência ocorre quando se tem a identidade negada dentro de casa até a solidão afetiva que sofrem as mulheres negras quando têm seus corpos objetificados.

Segundo a postagem, todos esses tipos de violência, tanto as físicas e como emocionais, são legitimadas pela mídia, quando esta reforça os estereótipos que envolvem a imagem da mulher negra:

“Há sempre uma jogada, uma pergunta, uma imagem construída para remeter à sensualidade exacerbada. Mulheres negras representam perigo, ou são sedutoras ou os dois, são perigosas porque são sedutoras.” (Aline Ramos apud Think Olga)

Apesar de todas essas dificuldades enfrentadas pela mulher negra durante sua vivência em sociedade, há resistência. E através do texto podemos perceber a construção dessa resistência a partir do sentimento de empoderamento que vai se formando durante o processo de fortalecimento de suas identidades e de ação coletiva. Podemos perceber isso através do fragmento:

Hoje, consciente da minha raça e cercada de mulheres que lutam para combater a cultura do assédio e do estupro a qual estamos inseridas socialmente, me sinto mais forte para falar sobre as camadas do problema como uma mulher negra. (Think Olga, 2017)

Tratando também de questões relacionadas ao racismo, o texto do Blogueiras Negras faz uma denúncia sobre publicações feitas pelo site wikihow¹⁵ em que os textos em questão são marcados, fortemente, por mensagens machistas e racistas, que destroem a autoestima das mulheres negras e fazem do processo de empoderamento algo muito mais difícil. A postagem analisada propõe uma campanha de empoderamento de mulheres negras. O blog sugere que mulheres postem em suas redes sociais vídeos ou fotos com mensagens de empoderamento e de relatos sobre a solidão das mulheres negras, para que assim, outras mulheres se sintam representadas e empoderadas.

Ao denunciar sites como o wikihow, o texto mostra como nossa sociedade ainda é fortemente marcada pelo racismo e por políticas higienistas, o que ameaça a confiança de qualquer pessoa negra. Ou seja:

Sites como o wikihow fazem uso de palavras chave para atingir o maior número de pessoas, pela facilidade de linguagem e conteúdo altamente ilustrativo chega em jovens, adolescentes e pré-adolescentes negros como se fosse um tiro no meio da cara. Aniquila e apaga quem já luta demais para se reconhecer negro, para se reconhecer belo, para se ver representado em uma sociedade higienista, racista e nada representativa. (Blogueiras Negras, 2015)

Quando me proponho a estudar o conceito de empoderamento, tenho em mente a importância de se considerar a pluralidade do sujeito mulher, como

¹⁵ <http://pt.wikihow.com/P%C3%A1gina-principal>

destaca Collins (2000), assim tentar unificar o movimento feminista pode ser algo ineficaz e danoso, já que, essa tentativa de unificação pode invisibilizar a luta de milhares de mulheres que teriam suas especificidades negligenciadas.

Por conta disso é necessário que se crie um diálogo entre os vários demarcadores sociais – como raça, classe e gênero - que regulam a vida das mulheres. Para que, dessa forma, todas tenham acesso a políticas públicas que realmente funcionem de maneira a resguardar seus direitos básicos.

Continuando a discussão sobre empoderamento e mídia/mercado publicitário, selecionei os textos “O despertar da publicidade para mulheres” – Think Olga e “Racismo em forma de petisco? Não, obrigada!” – Blogueiras Negras. Ambos os textos debatem sobre a forma como a mídia se apropria do feminismo para conquistar público.

No texto assinado pelo Think Olga, há um levantamento de dados estatísticos sobre como o femvertising vem ganhando espaço no meio publicitário. O femvertising é um movimento que aparece na publicidade para reivindicar através de anúncios e campanhas o empoderamento de mulheres.

A publicidade é mais uma área profissional fortemente marcada pelo machismo. Na maioria das vezes isso ocorre, segundo o texto, por uma ausência de mulheres em cargos executivos dentro das empresas. E consequência disso é o altíssimo número de anúncios que retratam de forma distorcida e equivocada o feminismo.

O texto ainda alerta para exercícios fáceis que ajudam a identificar se um anúncio publicitário é sexista ou não. Basta colocar a imagem do homem no lugar da mulher ao reproduzir o anúncio, caso haja um estranhamento, um desconforto, trata-se de um anúncio sexista, e não, feminista. Prestar atenção nesses detalhes é importante para que não contribuamos com a manutenção de um mercado que aprisione mais mulheres, ao invés de libertá-las.

Apesar de a mídia poder servir como um importante instrumento de empoderamento feminino, e isso é extremamente válido, o que vemos nos dias atuais ainda é uma grande propagação de materiais midiáticos que empobrecem a luta das mulheres, seja reforçando o machismo, ridicularizando as mulheres ou até mesmo incentivando a rivalidade feminina.

Encaro o Think Olga como um veículo que também utiliza o femvertising como instrumento de divulgação de seu trabalho e arrecadação de verba para

sua manutenção. O slogan do blog é “Empoderamento feminino por meio da informação” e se você lê os objetivos do blog ele se propõe a empoderar mulheres, o que é problemático, já que, o empoderamento não se trata de um produto ou algo que se doe para alguém. Reconheço que há facilitadores do empoderamento, onde o blog poderia se encaixar, mas esse processo é algo que acontece de maneira não só coletiva mas também individual.

Por conta disso, acredito que além de tomar os espaços midiáticos como são hoje, é importante que haja uma reconfiguração desses ambientes para que ocorra uma mudança estrutural na forma em que a publicidade se organiza atualmente, começando pela concepção de empoderamento que se construiu no imaginário da sociedade.

A partir do momento em que ocorrer essa alteração na maneira em que se produz o marketing, a publicidade poderá ser um facilitador e uma consequência do empoderamento feminino.

Porém, a realidade da publicidade brasileira ainda é marcada por preconceitos e o texto “Racismo em forma de petisco? Não, Obrigada!” publicado pelo Blogueiras Negras, em 2014 nos mostra isso. O texto é um retrato do quanto a publicidade pode ser mobilizada de forma equivocada, reproduzindo e reforçando ideias racistas, constrangendo milhares de mulheres negras.

O caso abordado faz menção a um post realizado no blog Petiscos¹⁶ sobre as roupas dos convidados e convidadas no baile à fantasia do Museu Metropolitano de Arte. Segundo o blog Petiscos, havia algumas pessoas que pareciam estar fantasiadas de “galinha de despacho”. A situação piora quando falam sobre a vestimenta da atriz Lupita Nyong’o¹⁷, “rememorava uma cena de dança tribal no casamento que finaliza o filme “Um Príncipe em Nova Iorque””. Como mencionado na publicação, o filme possui grande representatividade para a construção da identidade negra, por mostrar ao mundo outra face do continente africano, ainda desconhecida por muitos.

Percebo a partir da leitura do texto a importância da representatividade e da identidade, como mecanismos que proporcionam sustento para o

¹⁶ <https://petiscos.jp/>

¹⁷ É filha de Dorothy e Peter Anyang ‘Nyong’o, professor universitário e político no Quênia. Lupita foi a primeira mulher de seu país a ganhar o Oscar pelo título de melhor atriz coadjuvante. Fonte: http://www.purepeople.com.br/famosos/lupita-nyong-o_p3544

desenvolvimento do empoderamento entre as mulheres e outros grupos sociais invisibilizados.

Entrelaçada à questão da mídia está a discussão sobre a estética feminina e empoderamento. Para isso, utilizei os textos “Os cabelos como fruto do que brota de nossas cabeças” - Think Olga e “Cabelo pintado é um símbolo de resistência” – Blogueiras Negras, para realizar a análise.

Nos dois textos a noção de beleza é associada ao cabelo. O texto do Think Olga retrata a experiência de uma mulher negra, nascida na Bahia no processo de construção de sua tese de mestrado. O tema da tese é “Alisar seus cabelos em Salvador, Brasil: uma construção pela negação?”, o trabalho é fruto de um processo, segundo a própria autora, de auto-análise, de auto-reconhecimento.

Durante o texto Amanda narra sua história de aceitação com seu cabelo até chegar ao processo de construção de sua tese. O que impulsionou a vontade de escrever sobre o assunto foi o incômodo que lhe causava quando observava como a maioria das mulheres de sua cidade possuíam o cabelo quimicamente alisados e “questionar o lugar dos cabelos e situá-los dentro de uma sociedade foi indispensável para avançar na pesquisa.” (Think Olga, 2017)

Segundo a autora ainda, o propósito do texto é:

(...) mostrar caminhos que me ajudaram na compreensão da questão e a compartilhar um pouco da construção da beleza no Brasil e de diversas questões que se referem ao cabelo e ao corpo, reforçando hipóteses sobre as motivações de mulheres, negras ou não, que faziam alisamento em seus cabelos crespos e/ ou cacheados. (Think Olga, 2017)

No texto a condição das mulheres de modificar sua aparência, através do alisamento, é resultado de uma cultura racista, onde o que é bonito e valorizado é o cabelo liso enquanto o cabelo crespo é tratado como um problema que precisa de solução (o alisamento). Por conta disso, o cabelo crespo passou a ser um símbolo de resistência do movimento negro no mundo:

Percebidos como um problema que precisa de solução dentro do processo histórico, político e cultural brasileiro, o cabelo crespo sempre foi considerado um elemento importante de reforço da negritude e de referência às culturas africanas. Neste processo de desenvolvimento histórico, sobretudo após a abolição da escravatura, atribuir um lugar social ao negro ainda constitui uma questão de luta e debates intensos. (Think Olga, 2017)

Ao ler o texto percebo como as questões relacionadas à beleza estão extremamente ligadas à construção da identidade da mulher negra, por isso, é

importante não negligenciarmos esses assuntos, já que um dos pilares para o empoderamento é a identidade. Segundo Neusa Santos Souza, o reconhecimento do negro no Brasil se dá de acordo com a visão que a sociedade constrói dele. Logo, “o negro só pode ser reconhecido socialmente à medida que ele esquece sua identidade.” (apud Think Olga, 2017)

Quando digo que a identidade é um aspecto importante para o empoderamento, falo exatamente desse processo individual que cada indivíduo passa ao reconhecer que a maneira como ele se vê é resultado de uma construção social que possui suas raízes marcadas por discriminações. Logo, essa negação da negritude é um reflexo do racismo que permeia a sociedade.

Exemplo disso é quando as mulheres são constrangidas a alisar seus cabelos para serem aceitas socialmente. O contexto em que essas mulheres estão inseridas influencia diretamente na forma como elas se vêm perante a sociedade e nas condições de escolhas que elas possuem, como ressalta Biroli (2016). Por conta disso, o problema não se encontra em alisar ou não o cabelo e sim quais as condições que as mulheres dispõem para tomar essa decisão.

Outros fatores que levam as mulheres a se submeterem ao processo de alisamento do cabelo, segundo o texto, está relacionado à sua entrada no mercado de trabalho, ao padrão ditado pela moda vigente, a aceitação masculina e a competição com outras mulheres.

Todos os fatores mencionados acima são resultado de como a sociedade vê as mulheres e da maneira como essas são socializadas desde a infância. Apesar disso, acredito ser problemático reafirmarmos, em espaços públicos como blogs, a existência de uma rivalidade feminina, pois só faz enfraquecer a luta das mulheres e reforçar estigmas machistas.

No texto do Blogueiras Negras junto com essas questões aparece a discussão sobre apropriação cultural. O texto problematiza essa situação e mostra como a moda da periferia pode ser considerada um ato de resistência e empoderamento de jovens negros, pobres e periféricos.

Apesar de não se tratar especificamente de um problema das mulheres, é possível perceber a importância do feminismo interseccional, afinal neste caso apenas o gênero me parece não conseguir explicar essas realidades desiguais. É preciso então, relacionar raça e classe para que possamos pensar

sobre transformações em relação a problemas como este, como nos mostra Collins (2000).

A partir dos textos “O machismo também mora nos detalhes” e “Amor para quem? Violência contra mulheres negras e relações afetivas”, respectivamente, dos blogs Think Olga e Blogueiras Negras, é possível perceber as problemáticas que envolvem as questões que abarcam as relações entre homem e mulher. Essas relações são marcadas por desigualdades de gênero muitas vezes legitimadas pelo próprio Estado, quando este se mantém neutro aos problemas que acontecem no âmbito da vida privada dos indivíduos.

O empoderamento desses indivíduos passa a ser então necessário quando se leva em consideração que é possível repensar e romper com a forma em que a sociedade está estruturada, porém, esse processo só é realizável a partir do momento em que os indivíduos tomam consciência sobre suas vidas, como nos lembra Sardenberg (2006).

O texto do Think Olga faz um levantamento sobre quatro tipos de machismo/violência. O primeiro tipo é o *maninterrupting*, o termo corresponde as situações onde as mulheres tem sua fala interrompida a todo o momento por homens. O segundo é o *bropropriating*, quando homens se apropriam de ideias que pertencem às mulheres e acabam levando os créditos. O terceiro tipo está ligado as situações onde as mulheres são subestimadas intelectualmente, chama-se *mansplaining*. E por último, o texto cita o *gaslighting*, que faz menção à violência emocional através da manipulação psicológica.

Todas essas formas de violência estão presentes no dia-a-dia das mulheres de maneira mais subjetiva. Por isso, identificar essas práticas torna-se uma tarefa difícil para as vítimas. E quando conseguem perceber e se opor a essas situações acabam sendo, na maioria das vezes, estigmatizadas como masculinas, loucas, histéricas, etc.

Já o texto do Blogueiras Negras trata mais especificamente sobre a violência sexual sofrida pelas mulheres negras e a solidão que esse grupo sofre por conta de sua raça.

O texto mobiliza autoras como Tania Pinafi, bell hooks e Claudete Alves, para defender a ideia de que a violência sofrida pelas mulheres é consequência

de um processo histórico, relacionada a outros marcadores sociais, como: raça, gênero e classe.

Segundo hooks (2000), a também uma hierarquia entre as violências sofridas por mulheres, e a violência doméstica seria encarada com:

(...) um teor mais “suave”, perpetuando a ideia de que atos violentos praticados dentro dos lares – geralmente por indivíduos mais próximos às vítimas– são mais íntimos e mais aceitáveis do que outras formas de violência. (Blogueiras Negras, 2015)

Ao tratar de relações abusivas é preciso ter em mente que há uma hierarquia de poder entre os dois. Trata-se de relações com lugares bem delimitados, onde a mulher ocupa o lugar de oprimido e o homem de opressor. Nesses casos, é interessante pensar o empoderamento como sinônimo de poder. Mais, especificamente, na noção de “poder para”, pois assim é possível pensar meios das mulheres conquistarem autonomia mesmo em situações opressivas.

Por último, analiso os textos “O feminismo é questão de tempo” e “A mulher negra que eu sonhava ser” que relacionam o empoderamento com as noções de coletividade.

O primeiro texto faz uma analogia do processo de alfabetização com o feminismo. Segundo o texto, tanto a alfabetização como o descobrir do feminismo são processo muitas vezes lentos, individuais e que transformam a forma como as mulheres enxergam o mundo:

O feminismo também é assim, parece uma chave que cai, um portal mágico que se abre, uma cirurgia de catarata bem sucedida. A avassaladora transformação que ele efetiva, no entanto, é gradual e anti-horária. Sempre contra o curso do rio. É um desconstruir de referências, uma revisão de conceitos num processo tão dolorido e particular (antes de se perceber também coletivo) que beira a desalfabetização para uma outra alfabetização do mundo – que não é novo, mas que pela nova e lenta tomada de consciência, se descortina. E aparece como realmente é – masculinizado, opressor, desigual e extremamente violento com as mulheres e com os grupos igualmente desrespeitados e anulados por sua condição de raça, classe, sexualidade, idade. (Think Olga, 2017)

O feminismo aparece no texto como um movimento que gera sororidade entre as mulheres, fazendo com que o empoderamento possa ocorrer de forma coletiva, porém, para que isso aconteça é preciso uma transformação individual primeiro. Por conta disso, a autora acredita que o feminismo é algo necessário em nossa sociedade e só a partir dele aconteceria uma transformação coletiva de todas as mulheres.

No texto “A mulher negra que eu sonhava ser” aparecem as dificuldades enfrentadas por meninas ao se tornarem mulheres adultas e verem seus sonhos profissionais e pessoais não se realizando pelo fato de serem quem são, ou seja, mulheres negras.

Problemas como o acesso a empregos bem remunerados e a objetificação do corpo das mulheres negras dificultam o empoderamento e são consequência de:

Uma política de educação racista que não dá conta da diversidade étnico racial é produzida e produz um discurso normatizante da inferioridade para a população negra, nós mulheres negras em especial aprendemos que o valor de nossa vida encontra-se intrinsecamente relacionado ao tamanho de nossa bunda e a capacidade de possuir uma buceta quente e insaciável que promova a festa para quando quiserem festejar. (Blogueiras Negras, 2015)

Ao pensar o machismo e o racismo como problemas sociais, vejo o empoderamento como principal instrumento de capacidade transformadora dessas realidades, porém, reconheço que isso só será possível a partir do momento em que haja uma reestruturação política que ocorrerá a partir da conquista de autonomia das mulheres.

Por conta disso, como dito no capítulo teórico, o empoderamento não pode parar na mulher, ele deve transcender as barreiras do individual para o coletivo, da vida privada para a vida pública. Caso contrário, a perpetuação das desigualdades de gênero permanecerá, como destacam Biroli e Miguel (2014).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o presente trabalho me propus a compreender a forma como o conceito de empoderamento é apropriado pelos blogs Think Olga e Blogueiras Negras, a partir da análise de algumas de suas publicações.

Primeiramente realizei uma contextualização do conceito de empoderamento na teoria política feminista, onde citei autoras como Flávia Biroli, Anne Phillips e Cecília M. B. Sardenberg a fim de expor as principais críticas por parte do feminismo para com o pensamento liberal, as origens do conceito e suas principais problemáticas.

A partir disso, desenvolvi a seção metodológica do trabalho. Neste capítulo mobilizei a importância de se pensar a relação da internet com temas do feminismo, a partir da ideia de que atualmente a internet pode ser encarada como arena de discussão sobre pautas políticas, como afirma Sarmiento (2015). Ainda no capítulo metodológico, apresentei as publicações que serviram de objeto de análise para o desenvolvimento da pesquisa.

Posteriormente, à luz da teoria política feminista, procurei analisar os blogs Think Olga e Blogueiras Negras, a fim de compreender a forma com que o conceito de empoderamento é apropriado e transmitido através de blogs que se propõem a discutir questões relacionadas ao movimento feminista.

Ao fim do trabalho, reconheço a importância da apropriação de meios de comunicação, como a internet, como instrumento de fortalecimento da luta das mulheres. Porém, quando analiso os blogs percebo que ainda há um distanciamento entre o empoderamento em teoria e a forma como ele é transmitido atualmente.

A principal lacuna identificada tem relação direta com a concepção do empoderamento para a teoria política feminista. Percebi nos blogs a ideia de um empoderamento que tem sua finalidade a mulher, dessa forma, trata-se de uma visão limitada, já que, assim, o conceito perde seu poder transformador e são mantidas as desigualdades de gênero, como lembra Sardenberg (2006).

Enxergo esse problema, como consequência da relação delicada que há entre a teoria e a prática. Por conta disso, o presente trabalho se faz importante, já que, se propõe a pensar as práticas sociais a partir da teoria política feminista, lembrando a necessidade de uma aproximação dos dois âmbitos para que seja possível uma real transformação das estruturas sociais.

Por esse motivo, considero que o trabalho além de cumprir com seu objetivo teórico, também, possui relevância social.

Finalmente, é preciso apontar algumas lacunas. A primeira delas é a necessidade de aprofundar a discussão teórica sobre empoderamento e sua relação com os conceitos de autonomia e liberdade. A segunda se relaciona à importância de melhorar a discussão metodológica, a partir da adoção de métodos como análise do discurso, por exemplo. Em terceiro, a ampliação da análise, incluindo mais textos ou outros blogs feministas seria importante. Mas, essas lacunas podem se transformar em oportunidades para desenvolver pesquisas futuras.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Carla Cecilia Rodrigues; ELIAS, Maria Lígia Ganacim Granado Rodrigues. O conceito de liberdade como não dominação sob a perspectiva feminista. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 22, p.14-27, jan./abr. 2014.

BIROLI, Flávia. **Autonomia e desigualdades de gênero**: contribuições do feminismo para a crítica democrática. Vinhedo: Editora Horizonte, 2013.

BIROLI, Flávia. Autonomia, preferências e assimetria de recursos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 31, n. 90, p.40-56, fev. 2016.

BIROLI, F. (Orgs.). Teoria Política feminista: textos centrais. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2013.

COLLINS, Patricia Hill. Black Feminism, Knowledge, and Power. In: COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought**. Nova York: Routledge, 2000. p. 1-326.

ELIAS, Maria Lígia Granado; MACHADO, Isadora Vier. A Construção Social da Liberdade e a Lei Maria da Penha. **Revista Sul-americana de Ciência Política**, Brasília, v. 3, n. 1, p.88-109, maio/mar. 2014-2015.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014

NEGRAS, Blogueiras, Amor para quem? Violência contra mulheres negras e relações afetivas. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/05/25/amor-para-quem-violencia-contra-mulheres-negras-e-relacoes-afetivas/>>. Acesso em: 01/05/2017.

NEGRAS, Blogueiras, A mulher negra que eu sonhava ser. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/10/09/a-mulher-negra-que-eu-sonhava-ser/>>. Acesso em: 01/05/2017.

NEGRAS, Blogueiras, Cabelo pintado é um símbolo de resistência. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/09/18/cabelo-pintado-e-um-simbolo-de-resistencia/>>. Acesso em: 01/05/2017.

NEGRAS, Blogueiras, Racismo em forma de petisco? Não, Obrigada! Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2014/05/09/racismo-em-forma-de-petiscos-nao-obrigada/>>. Acesso em: 01/05/2017.

OLGA, Think. **A arte de vencer o preconceito**. 2015. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2015/08/27/a-arte-de-vencer-o-preconceito/>>. Acesso em: 01/05/2017.

OLGA, Think. **O feminismo é questão de tempo**. 2017. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2017/04/25/o-feminismo-e-questao-de-tempo/>>. Acesso em: 01/05/2017.

OLGA, Think. **O machismo também mora nos detalhes**. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2015/04/09/o-machismo-tambem-mora-nos-detalhes/>>. Acesso em: 01/05/ 2017.

OLGA, Think. **O despertar da publicidade para mulheres**. 2015. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2015/02/10/o-despertar-da-publicidade-para-mulheres/>>. Acesso em: 01/05/ 2017.

OLGA, Think. **Os cabelos como fruto do que brota de nossas cabeças**. 2015. Disponível em: <<http://thinkolga.com/2015/03/27/os-cabelos-como-fruto-do-que-brota-de-nossas-cabecas/>>. Acesso em: 01/05/2017.

PHILLIPS, A. **O que há de errado com a democracia liberal?** In: MIGUEL, L. F

PHILLIPS, A. **De uma política de idéias a uma política de presença?** In: MIGUEL, L. F.

SARDENBERG, Cecília M.b. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista¹. I **Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto Tempo**, Salvador, p.2-12, jun. 2006. Disponível em: <[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando Empoderamento na Perspectiva Feminista.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf)>.

SARMENTO, Rayza. Feminismo, reconhecimento e mulheres trans*: expressões online de tensões. **Pensamento Plural**, Pelotas, v. 17, n. 1, p.129-150, jul./dez. 2015.

SENRA, Laura Carneiro de Mello. **Gênero, autonomia e Preferências: Abordagens feministas e o caso da ação direta de inconstitucionalidade 4.424**. 163 f. Monografia - Curso de Direito, Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/6751>>. Acesso em: 06/03/2017.